

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

[NdT: Estava presente na entrevista Francis de Almeida, que será identificado por FdA]

MILTON GURAN - Bom, estamos em 25 de setembro de 1995, na casa da Madame Patterson, nascida Medeiros.

FP - Francisca Patterson.

MG - Francisca Patterson. É um bom nome. Aqui em presença do Sr. Francis Patterson.

FA - De Almeida.

MG - Perdão. Sr. Francis de Almeida. Meu filho também se chama Francisco. Estava com isso na cabeça e confundi o nome do senhor. Então, [estamos] em Porto Novo, e a senhora estava me falando de vossas origens.

FP - Eh! Bom, o senhor sabe bem que os Medeiros vêm de Portugal?

MG - Vosso ancestral era um governador de Funchal, eu creio.

FP - Sim. Depois meu avô veio para a costa, a costa, o golfo do Benim.

MG - Paterno, materno?

FP - Avô De Medeiros, Francisco José de Medeiros. Ele se chama Francisco José de Medeiros. Ele veio para conhecer o país com seu próprio barco. Não tinha barco na época, [mas] ele tinha barcos. Ele veio para a costa do Gana, primeiro, e depois o senhor sabe, como os portugueses não ficam sozinhos, ele se casou lá, em Gana, com uma mestiça ganense que se chamava Joana.

MG - Joana. É um nome muito bom.

FP - Joana. E, aliás, sua neta, sua bisneta está aqui, se o senhor tiver um momento, iremos vê-la. Então, dessa união nasceu um menino que se chamava João. Mas, infelizmente, essa primeira mulher morreu. Depois, ele veio... O avô Francisco José de Medeiros veio próximo à Anecho, mas ele não ficou muito tempo em Anecho, veio para Aguê, ele tem uma mulher [lá] também. Uma mulher com a qual ele teve uma filha que se chama Carlota, que foi Sra. Da Costa Soares.

MG - Ah! Sua mulher era Da Costa Soares.

FP - Não, sua mulher era uma princesa de Aguê.

MG - Ah, de Aguê?

FP - A mulher de meu avô era uma princesa de Agué que teve uma filha que chamava Carlota. Essa Carlota virou Sra. Da Costa Soares.

MG - E o Sr. Da Costa Soares estava aqui no Benim? Ou ele se casou no Brasil?

FP - Não, era na Nigéria e no Benim. O Sr. Da Costa Soares era filho de uma mulher da Nigéria. Sua mãe era nigeriana. Então, meu avô, Francisco de Medeiros, teve outros filhos. Agora, ele chegou em Uidá, foi assim que pediu a mão de Francisca de Souza, que era filha de José Francisco Félix de Souza.

MG - Que é o Chachá.

FP - Que é o Chachá I, o primeiro instalado em Uidá. Minha avó Francisca de Souza é então a filha do Chachá.

MG - É a filha do Chachá?

FP - Sim, dessa união com a filha do Chachá, teve um menino que se chamava Léopold de Medeiros.

MG - Que se chamava?

FP - Léopold de Medeiros. Depois, teve Candida de Medeiros, que era Madame Béro Berrand, que foi Madame Béro.

MG - Ah! Aquela que está no retrato.

FP - Depois, teve Cesário de Medeiros, que era meu pai. Então, eu sou ao mesmo tempo de origem portuguesa e brasileira.

MG - Sim, sim, é verdade.

FP - Aí está! Como as coisas... Mas, euh! Nosso avô, o antepassado, Francisco Félix de Souza era uma notoriedade em Uidá. E na morte de nosso avô Francisco José de Medeiros, nossa avó veio, e voltou a viver com sua família, ela era filha única, voltou em sua família. É assim que nós, nós temos... Nossos pais foram criados por suas mães¹ na família De Souza. E eles eram reconhecidos pelos De Souza, que eram primos deles, fazendo parte integral da família De Souza. Foi assim que eu nasci em Singbomey.

MG - Hum! A senhora nasceu em Singbomey?

FP - Sim, eu nasci em Singbomey, no bairro Brasil. Eu vivi em Singbomey, eu cresci em Singbomey, antes de vir para Porto Novo. Meus tios, papai, construíram não exatamente em Singbomey, mas na frente de Singbomey. É um terreno dado pela avó deles para a mãe deles, onde eles construíram, onde eles moraram, então, eles tinham a casa deles na frente, o senhor sabe? O senhor conhece a estação de ônibus de Uidá?

MG - Sim.

¹ A entrevistada se refere a ela, seus irmãos e primos.

FP - É a estação de ônibus que era um mercado, o primeiro mercado de Uidá. Não o primeiro mercado; o mercado dos portugueses e dos brasileiros. O primeiro era Zobé, o mercado autóctone. O mercado dado por Chachá - podemos dizer que foi Chachá que deu o terreno para que se fizesse o mercado. Ele se chamava mercado Kindji. Então, tem esse mercado Kindji que virou a autoestrada, depois tem uma parte onde construíram o centro médico de Uidá, que separava a casa da nossa avó, a casa dos nossos tios e pais. Então, a casa de papai e de meu tio se chamava Docodji. Nós evoluímos na família De Souza. E fomos impregnados das tradições De Souza.

MG - Bem, sim, eu vejo. É enorme, com muitas gerações, isso faz pelo menos 150 anos. O Chachá morreu em 1859.

FP - Sim.

MG - Então, sua filha Francis... Francisco ele teve duas filhas?

FA - Sim.

MG - Tem uma primeira que morreu muito jovem e então, tem uma segunda que ele deu o nome de Francisca. Ele já tinha 86 anos, então sua avó, ela nasceu por volta dos anos 40 do século passado.

FP - Sim, sim.

MG - É bem isso. Vosso pai nasceu nos anos 60.

FP - Sim.

MG - Do século passado. E a senhora, quando nasceu?

FP - Eu nasci em 2 de outubro de 1925.

MG - 1925, 2 de outubro, quase como Chachá.

FP - Chachá. É por isso que me deram o nome de minha avó. E eu tenho um nome beninense, daomenense, mas é em iorubá, que é Djidé. Em iorubá quer dizer “renascer” - Renée², eu me chamo. Deram-me o nome Francisca, mas minha avó sendo uma notoriedade, todo mundo não podia chamar esse nome aí, por consideração à minha avó. Porque eu nasci dezoito meses depois de sua morte, e por pouco não nasci no aniversário dela, porque ela mesma era do dia 4 de outubro, como seu avô.

MG - Ela era do 4 de outubro.

FP - Sim. Por pouco não nasci, eu nasci um pouco mais cedo. Dois dias mais cedo. Mas me deram o nome dela e me chamaram Djidé, Djidé quer dizer renascer.

MG - Isso é muito bom.

² Numa tradução literal “Renée” é “renascida”.

FP - E eu tenho dois nomes. Segundo o lugar onde estou, segundo o meio onde estou, me chamam Djidé, outros me chamam Francisca.

MG - Segundo o meio, mais brasileiro ou mais iorubá.

FP - Não, não é isso. É brasileiro, no círculo familiar, me chamam Djidé.

MG - Ah, na intimidade?

FP - Sim, na intimidade, é isso.

MG - Então, a senhora nasceu em Uidá, a senhora cresceu em Singbomey.

FP - Eu nasci em Singbomey e cresci em Singbomey.

MG - Depois a senhora veio para cá.

FP - Sim, aliás, eu vim muito cedo para cá. Eu vim muito cedo nessa mesma casa onde estamos, porque minha tia via em mim uma menina muito mimada, insolente, porque eu nasci quando meu pai tinha certa idade e tinha as avós, as primas de papai, eu era mimada por aqui e por ali, e ela achava que isso não ia me levar longe, ela me trouxe para me educar e me dar a educação que eu precisava, aqui, no meio familiar, com seu marido, sua filha, é isso.

MG - É aqui que a senhora conheceu o Sr. Patterson?

FP - O Sr. Patterson eu conheci aqui, porque ele mesmo era o marido de minha prima, que era a filha da minha tia.

MG - Ah, era essa que era...

FP - Que era a *first*³ senhora Patterson.

MG - Ah, eu vejo. Então, a senhora conheceu o Sr. Patterson e vocês tiveram quantos filhos, madame?

FP - Três filhos. Porque a mulher dele morreu, ela morreu. Ela morreu na França, então ele pensou em refazer sua vida comigo. Nós nos casamos e tivemos três filhos.

MG - Os três filhos da senhora são casados?

FP - Tem duas meninas e um menino, o menino não é casado, é o último.

MG - Hein? Como ele se chama?

FP - Achille Cesar. Nós o chamamos Achille em lembrança de meu tio Achille Béro, e César por causa do papai, para misturar os dois. Enquanto que as meninas são casadas. A mais velha casou com um homem de Camarões, Madame N'di. Ela está na França. Minha filha mais velha está na França. Minha mais nova também, ela se casou com um

³ A palavra está em inglês, "first", primeira.

beninense, originário da família Akplogan, de Allada. Eu não sei se o senhor já ouviu falar.

MG - Sim, já ouvi falar.

FP - Eles também estão na França, por motivo de saúde.

MG - Falando nisso, me veio na cabeça, essa menina aí, que veio cumprimentar a senhora agora, que vem da família real, ela está em vossa casa por conta do quê? Para brincar com as crianças ou o quê?

FP - Não, ela está... Ela acompanhou sua mãe para nos cumprimentar. Sua mãe veio nos cumprimentar e ela veio com a mamãe. É assim, ela vem de tempos em tempos. Nós temos amigos em Porto Novo. Meninas que vimos crescer, que vimos nascer, que vêm nos fazer uma visita de cortesia.

MG - Eh! Eu mesmo, se eu morasse em Porto Novo, é assim que eu viria a cada dia. É verdadeiramente um prazer de conversar com vocês. Será que a senhora poderia, Madame Patterson, retomar um pouco a história do retrato aqui?

FP - Sim.

MG - Vamos apreciar... Aqui é Achille Béro. Então, ele mesmo, a senhora poderia retomar a história que a senhora me contou, exatamente.

FP - Achille Béro nasceu de um cônsul da França, ele se chamava Médard Béro. E sua mãe era uma mestiça, Antoinette Brum. Médard Béro casou com Antoinette Brum e eles tiveram dois filhos. Teve Xavier Béro, na foto ele está aqui, um menino pequeno. E aqui está a Antoinette Brum que casou com Médard Béro. E Médard Béro, com a união deles, eles tiveram dois filhos. O mais velho era Xavier. E primeiro Xavier, depois Achille. E, com a chegada dos franceses, pois que o consulado era em Uidá, o senhor sabe que era, que tudo estava em Uidá. Mas quando foi preciso a conquista do Daomé, primeiro o protetorado assinado com o rei de Porto Novo, os filhos franceses que faziam falar as línguas ocidentais, tais que o francês, o inglês. Porque meu tio Achille era, ele fez estudos de inglês em Lagos. Mas ele voltou para trabalhar em uma casa de comércio, como diretor de uma casa de comércio, e foi assim que ele casou com minha tia.

MG - E vossa tia tem quantos filhos?

FP - Ela teve de início um primeiro, que morreu. Depois uma só filha, Clotilde Béro.

MG - E Clotilde, ela teve filhos?

FP - Não, não, ela não teve filhos. Ela não teve filhos. Clotilde???, ela se chamava. Então, meu tio, no momento dos acontecimentos dos franceses, com o protetorado de Porto Novo, eles se deslocaram. Teve a história de Abomé com os franceses, teve o

⁴ Pontos de interrogação no manuscrito.

protetorado dos reis de Porto Novo, entre os reis de Porto Novo. E os franceses não estavam em boas águas com os reis de Abomé, então, esses últimos, então os franceses deviam de qualquer forma se apoiar sobre certas pessoas que podiam falar ao mesmo tempo as línguas ocidentais e as línguas nacionais⁵.

MG - O fom, o iorubá.

FP - Foi assim que meu tio entrou, deixou seu trabalho de comerciante para ir com a Armada Francesa, pois era preciso alguém que pudesse, estando na Armada Francesa, receber e dar ordens à Armada do rei de Porto Novo, no começo da conquista. No começo.

MG - Ele estava diretamente ligado ao general Dodds.

FP - Sim, ele estava diretamente ligado ao general Dodds. Pois que era ele que conduzia a armada, não era a França sozinha que fazia o mercado sobre Abomé.

MG - Eram, sobretudo, os senegaleses, o geral Dodds, ele era senegalês.

FP - Ele era senegalês.

MG - Artilheiro senegalês.

FP - Eles tinham a armada francesa, a armada do rei de Porto Novo e aí, aí a batalha, teve uma batalha bem arranjada em Atchoukpa que não é longe de Porto Novo. É assim que ele participou estreitamente da conquista, euh! ???⁶ Aliás, fala-se muito disso. Porque não tem serviço. Mas, depois da conquista ele é instalado, sendo que a capital era Porto Novo, ele veio se instalar, enquanto funcionário francês em Porto Novo, para colaborar para acabar a obra que ele tinha começado. É assim que criaram o posto dos guardas do círculo, do qual ele era um dos promotores, com a França.

MG - Bom, vamos organizar nossas ideias, porque temos muitas coisas. Bom, eu vos pergunto o que se passa em Uidá com os diferentes clãs? Eu penso que eles são mais divisões de ???⁷, por exemplo, aqueles que chamamos de Ayato, então, é a família Marcos que é ligada ao clã Ayato, ou Aguénou, ou Adjicoun. O que é isso? Não é etnia.

FP - É por isso que eu vos digo, Uidá é dividida em dois blocos. Tem o bloco dos Houédah, que são os autóctones. E eles têm também, aí, aqueles dos quais o senhor vem de me falar, o senhor citou aí, os Ayato, é para os diferenciar dos outros. Porque são momentos fortes do ancestral. Os Ayato, por exemplo, eu posso vos dizer que eles fazem parte do segundo bloco de Uidá, que nasceu depois da chegada dos brasileiros, do brasileiro Chachá, português. São, em suma, podemos dizer, etnias, não são clãs. Tem etnias e tem subetnias. Tem os clãs agora, que vieram de outra parte, que vieram da região de Ouémé, que vieram da região, da cidade de Abomé, que vieram da região

⁵ Ela conta que, no início da colonização francesa, os reis do Daomé se opuseram aos franceses, que se apoiaram sobre a comunidade brasileira de Porto Novo.

⁶ Idem.

⁷ Idem.

Adja, que vieram da região de Grande Popô, do Togo, tudo isso, porque tem uma grande mistura.

MG - Sim, é isso. É isso que eu quero compreender, os Marcos, eles são agudás.

FP - Os Marcos vieram do Brasil.

MG - Então, há ancestrais que são Ayato.

FP - Os Marcos – disseram ao senhor que os Marcos são Ayato?

MG - Sim.

FP - Não, eles não são Ayato. Se o senhor quiser, vamos fazer o senhor encontrar com os Marcos, eles não são Ayato, certamente que eles se casaram com Ayatos.

MG - Eles são mais, os Marcos como os outros brasileiros, são descendentes dos franceses.

FP - Antes de partir, os Marcos antes de partir, partiram daqui, de um país da Nigéria, por exemplo. Tem pessoas que partiram da Nigéria. Teve dois tipos de comboios. Teve o comboio onde os pais estavam de acordo, para enviar seus filhos fazerem estudos no Brasil, e tiveram outros que partiram como escravos.

MG - Isso é verdade.

FP - Sim.

MG - Os pais mandaram os filhos para fazer estudos lá, em que época do século XIX, a senhora sabe?

FP - Não, não no século XIX.

MG - Antes?

FP - Antes, no século XVIII. Antes da abolição da escravidão. Eles partiram com os comboios. Bom, os *Ayato*, agora, os maiores *Ayato*, quer dizer, em suma, e o trabalho que fazia o avô. Tinha o trabalho, [o avô] ele era, os Ayato eram ferreiros.

MG - Ah! Os *Ayato* são ferreiros. Em que língua isso? Em Houedah, em fom?

FP - Em fom.

MG - E os *Anannou*?

FP - Os *Anannou* são os louvores deles. *Anannou* se encontra na primeira divisão. Nos os chamamos...

MG - Os *Ouedah*.

FP - Os *Ouedah*.

MG - Então eles estão na divisão dos Ouedah. E os *Adicouns*?

FP - Os *Adicouns*, *Adicoun Adjohouenou*, isso faz parte, tem uns que estão próximos dos *Ouedah* também, e outros que estão na região do segundo bloco de brasileiros, depois da chegada dos brasileiros.

MG - Nesse caso, na história do Brasil, e preciso pensar que antes de 1820, todos os brasileiros eram portugueses.

FP - Sim.

MG - Porque o Brasil não era independente. Portanto, todo mundo era português, mesmo as pessoas que estavam no Brasil e que vinham aqui, eles eram ditos brasileiros. Mas considerando que eles eram portugueses estabelecidos no Brasil, era a mesma coisa que brasileiros.

FP - Isso.

MG - E mesmo o porto português, aquele de Uidá, ele estava administrativamente na burocracia do Estado português, ele era ligado ao vice-rei do Brasil. Quer dizer, o funcionário, o vice-rei de Portugal no Brasil, porque o Portugal tinha um rei, o Portugal tinha um funcionário no Brasil. Bom, em ???⁸ gerenciado pelo Brasil.

FP - Euh! Eu creio compreender na história de meu ancestral Francisco Félix de Souza, que ele foi um daqueles que estiveram na gestão do forte português.

MG - Sim, ele estava primeiro, ele não era o comandante, ele trabalhava na contabilidade. Ele era, eu acho...

FP - Intendente.

MG - Intendente. Ele se ocupava de tudo isso.

FP - Sim.

MG - Depois, teve todas as histórias que a senhora conhece, pelo comandante, ele teve problemas, o comandante morreu de ???⁹. O comandante não se entendia com o rei, disseram. O outro comandante o encontrou morto. E então, Francisco estava sempre por lá, então disseram, “vamos fazer de Chico o comandante”. É assim que a coisa aconteceu. O irmão dele era comandante. Primeiro, o irmão era o comandante, e por isso ele veio. Depois, seu irmão morreu, eu acho. Sim, [o irmão] ele partiu, e ele ficou lá. E foi comandante durante um período do porto português, e foi o período onde o porto funcionou bem. Mas ele mesmo era brasileiro, da Bahia.

FP - Da Bahia. Mas seu papai, Thomas, era português.

⁸ Pontos de interrogação do manuscrito.

⁹ Idem.

MG - É isso. E é isso que eu vos digo. Essa história de ser português ou brasileiro, nessa época, todos os brasileiros tinham nascido em Portugal e ido para o Brasil, e eles tiveram filhos com as mulheres do país, quer dizer, com as indígenas.

FP - E é isso.

MG - As indígenas. Então, Dom Francisco mesmo era mestiço de português com indígena. E assim que se fazem as misturas.

FP - O senhor sabe que nos últimos momentos, eles eram dois amigos, Chachá Francisco e Domingo Martins.

MG - José.

FP - José Martins, foi ele que voltou. Ele voltou ao Brasil com suas filhas. Ele deixou os filhos porque ele tinha dito a seu amigo, meu ancestral Francisco Félix de Souza, que era preciso que voltassem aquela hora para o Brasil, e eles escreveram ao vice-rei do Portugal porque eles não podiam vir com as mulheres.

MG - Isso é uma hipocrisia.

FP - Então, seu amigo José Domingo Martins achou que entre dois males, o menor. Ele retornou com sua fortuna ao Brasil, com suas filhas, porque eles tinham ao mesmo tempo a fortuna deles sobre a costa do golfo da Cremee¹⁰, ele estava instalado em Sèmè e nosso ancestral estava também em Lagos. Ele tinha um vilarejo, que se chama Adjido, que existe na Nigéria hoje.

MG - Em Badagry.

FP - Em Badagry, Adjid, ele estava lá.

MG - Disseram-me que Adjido vem do brasileiro “ajuda”, Deus me ajuda. Isso quer dizer “*Dieu m'aide*”¹¹.

FP - É isso. Então, tem um Adjido em Uidá também.

MG - Tem Adjido em Uidá e tem Adjido em Aguê.

FP - Não, Anecho.

MG - Sim, em Anecho, porque ele estava em Anecho. Eu acho que ele teve todas as]?] ¹² com um ??? ¹³. Ele se refugiou lá.

FP - Sim. Então, ele, Dom Francisco Félix de Souza, ficou em Uidá, entre suas mulheres e seus filhos. Ele preferiu ficar com eles. É assim que ele morreu.

¹⁰ Caligrafia difícil, pode ser outra palavra.

¹¹ No manuscrito o primeiro “Deus me ajuda” está escrito em português, e o segundo em francês.

¹² Palavra incompreensível.

¹³ Pontos de interrogação do manuscrito.

MG - E Martins voltou para a casa dele.

FP - Sim.

MG - Ele deixou descendência aqui?

FP - Sim. É uma grande família. Mas a família que mais se multiplicou, o senhor vai ver [qual é]. O senhor vai à festa de entronização de Chachá VIII? O senhor vai ver o que tem de mundo lá, que são os descendentes. Eu, aqui onde estou, tenho bisnetos na linhagem dos De Souza, e dos De Medeiros também. Isso porque sou bisneta de Chachá.

MG - A senhora e bisneta de...

FP - Chachá. Pois que meu avô era o neto do Chachá.

MG - E depois, é verdade. Domingo Martins que trouxe Joseph Paraíso Barbiero, que virou Barbero aqui. Então, a história é toda ligada. Nós falávamos dos clãs, ou das etnias, como a senhora falou, em Uidá, e tem uma que se chama, desculpe-me minha maneira de falar, meu sotaque – que se chama *Awesse Mehoyovo* ou alguma coisa assim *Awesse mehoyovo*. A senhora consegue [entender]?

FP - Não é isso, é *Awoumenou yovo*, não é *awesse*. É *Awoumenou yovo*. São todos aqueles que podiam se vestir ou que se vestiam como os brancos. *Awoumenou quer dizer “aqueles que se vestem como os brancos” ou bem, aqueles que são brancos que se vestem. Daí os louvores que começaram a fazer para os De Souza, os Medeiros.*

MG - A todos os *agudás*.

FP - Todos os *agudás*, *Awoumenou yovo*. Quer dizer, eles sabem, quando te dizem *Awoumenou yovo*. Não podem te chamar só de *yovo*.

MG - Só *Yovo* sou eu.

FP - Hein? Só *Yovo*?

MG - Quando me veem na rua, dizem – Boa noite, *Yovo*!

FP - Mas quando estamos no meio de Uidá, um ambiente correto, o senhor é originário desse país, começamos dizendo *Awoumenu yovo*, que concerne todos aqueles que são, cujos pais de vestem. Porque antes, nos vestíamos com *pareôs*, os colocávamos aqui, os homens na cintura, mas todos aqueles que são *Awoumenou yovo* são aqueles que se vestem, que vieram do Brasil, de Portugal. Então, agora, juntam os louvores de cada família.

MG - Os louvores de vossa família são quais louvores?

FP - Mas esses louvores, não é preciso ficar bravo, esconder, esses louvores foram dados pelos escravos. Tinham escravos que enviavam ao Brasil e tinham outros que

ficavam em casa, como tinha os servidores, como agora, os empregados. Os escravos que ficavam em casa eram os que cantavam os louvores. Para os Medeiros é em iorubá – Alakpa Fuja, quer dizer, o senhor que está aqui, que tem uma atitude nobre, orgulhosa.

MG - Esse é o louvor dos Medeiros.

FP - De Medeiros, o louvor (...) Isso quer dizer: “Ele é tão bonito que quando o vemos, todas as meninas se precipitam na direção dele”, quer dizer: “quando ele se banha na lagoa, ... [14]”; quer dizer “quando o vemos temos vontade de casar com ele. Todas as meninas querem se casar com ele. Alguém diz: eu te dou sabão. Pega o meu, pega o meu”. É um tipo de paquera que fazemos com ele.

MG - E os louvores para o De Souza

FP - Eh! Os louvores do De Souza, o primeiro De Souza tem seus louvores e cada filho homem tem também seus louvores. O senhor quer que eu vos dê o louvor do Chachá I?

MG - Sim, eu quero. A senhora se lembra?

FP - Claro. (louvor ...) ¹⁵, é muito, é toda uma reza. Isso quer dizer... O senhor quer que eu explique?

MG - Sim, um pouco, só um pouco.

FP - Isso quer dizer, esses louvores são sempre que o rei de Abomé, por exemplo, o rei Guêzo, um dia, você sabe que foi De Souza que o ajudou, o rei.

MG - Sim, eu sei.

FP - O rei Guêzo a se instalar. O rei Guêzo um dia levou meu ancestral para visitar Adandozan, em sua prisão.

MG - E então, a hiena faz medo ao elefante?

FP - (louvores ...) diz o crocodilo na água, não tenha medo da espinha dos peixes, eu te dou os dois, (louvor...) quer dizer “um dia o bisavô estava no mercado, não se deve esconder o rosto, pois nós fazemos a história, não se deve”. Bom, ele partiu um dia para... Ele tem seus intermediários para ir, era o comércio de todo o mundo, para ir comprar nos mercados de escravos. Tem o mercado de escravos, as pessoas vinham. Agradou-lhe a ideia de ir ao mercado para ver de perto o que se passava. Então, ele tinha acabado de comprar uma mulher e a mulher disse para ele – “*Yovo honam bo*” . Ela insistia tanto que ele se virou para perguntar o que a mulher queria lhe dizer. E a mulher dizia – “Minha filha, compre minha filha para que fiquemos juntas!” Efetivamente ele pegou a filha, mesmo se a filha não o interessava. Talvez ela fosse

¹⁴ Falta um trecho aqui, assinalado por (...) no manuscrito.

¹⁵ O louvor não foi incluído no manuscrito.

muito jovem ou algo assim. Mas a mãe insistiu, ela insistiu muitas vezes – “*Honam bo, yovo hounam bo*”.

MG - Isso em fon. O louvor dos Medeiros é em iorubá. A senhora fala quantas línguas, madame Patterson?

FP - Eu falo fom, falo iorubá, falo mina, falo gom.

MG - E a senhora fala francês.

FP - Claro, e alguns retalhos de português.

MG - Ah! Eu fiquei realmente emocionado quando cheguei aqui e a senhora me disse “bom dia”.

FP - Sim. É isso, bom dia, senhor.

MG - Como passou?

FP - Como passou...¹⁶

MG - Ah, é isso! Então, é isso, essa diferença que marca a origem. E a senhora disse que eram os escravos, os servidores que cantavam os louvores.

FP - Sim, sim.

MG - E sabemos, por exemplo, entre todos aqueles que chamamos de brasileiros, tem várias religiões de brasileiros. Têm brasileiros que são filhos de comerciantes que se estabeleceram aqui. Ou bem comerciantes de escravos ou bem comerciantes de óleo de palma, ou outros produtos, tabaco, etc. Tem também brasileiros que pegaram, que eram escravos desses comerciantes e que pegaram o sobrenome da família deles. Como também tem antigos escravos que voltaram do Brasil e, uma vez aqui, eles pegaram escravos a quem eles deram o sobrenome da família deles, os quais sobrenomes eles tinham pego de seus mestres no Brasil. Então, tem brasileiros que estavam aqui na África como mestres e às vezes, no Brasil, eles tinham sido escravos. Mas aqui eles eram mestres. Por exemplo, os Almeida, de Aguê, os Joaquim, e outros, têm escravos.

FP - Aos quais eles deram o sobrenome.

MG - E será que faz diferença hoje entre os brasileiros, a comunidade, será que se sabe quem é quem? Faz diferença, na opinião da senhora?

FP - Não sabemos. Será que são eles que deram o sobrenome deles aos escravos ou os escravos que pegaram eles mesmos o sobrenome de seus mestres? Foram eles que deram seu sobrenome aos escravos?

MG - Sim, porque o mestre dá tudo, o escravo não pode dar nada.

¹⁶ Faltam palavras nesse trecho.

FP - Foram eles que deram. Mas no interior mesmo de certas famílias justamente esses louvores aí mudam porque eles, eles são filhos primeiro dos mestres e alguns são filhos que são ???¹⁷, pegaram como servidores e que são Almeida dos quais conhecemos os ???¹⁸

MG - Eu vos conto uma pequena anedota aqui. Eu estava... Eu tive o prazer de ser convidado a comer na casa do Sr. Poisson, Emile Poisson que a senhora conhece bem. E num certo momento, estávamos lá discutindo, gravando uma entrevista como essa aqui, e chega uma moça que fala com ele e ele diz – “Essa moça é a filha de um senhor que caçava com meu irmão caçula e então ela vive aqui, o senhor sabe, tem várias pessoas que moram nessa casa que não são tanto da minha família, são mais os descendentes de escravos de minha avó”. Então eu disse: – “Ah, bom!”. Ele disse: – “Sim, eles estão aqui, eles fazem parte da família”, e isso é totalmente brasileiro, é exatamente assim que fazemos no Brasil.

FP - Mas o senhor sabe que a palavra escravo existe em fom e em iorubá também.

MG - E como é?

FP - Em fom é *kannums*.

MG - Sim, porque a escravidão entre os fom é bem mais antiga. Veja, ele disse, “às vezes isso causa um problema, por exemplo, um deles casou uma descendente de uma escrava de minha avó, que era uma menina bonita e todo mundo queria casar com ela. Meu primo chegou primeiro e casou com ela. Agora, quando tem uma reunião de família e que se discute em Cotonu, eu, eu tenho um negócio para acertar, porque um primo diz para a outra: – Cala a boca porque sua avó era escrava, etc”. Então, isso acontece, justamente.

FP - O senhor sabe, justamente nós, por exemplo, na minha casa, na minha família, nós sabemos, nós temos muita gente, nós as chamamos de tia, tudo isso, mas na nossa educação nos dizem que essas pessoas são descendentes de escravos. Nós sabemos, mas com essas diferenças, nos proibem de falar disso, de os insultar, de dizer palavras grosseiras. Devemos ter consideração por eles porque eles participaram da vida da família. Eles participaram no crescimento da corte e ao enriquecimento da família. Então nós lhes damos todo o respeito que lhes devemos. Mas sabemos que não são laços de sangue, o senhor vê, que existem.¹⁹ Por exemplo, eu, na casa de minha avó, tem um domínio em Uidá onde tem seus antigos escravos. Ela deu um domínio a essas pessoas, mas temos...

MG - Pegaram o sobrenome Medeiros?

FP - Não, não, não é o sobrenome, eles estão lá, são autônomos. Pois, como minha avó é mulher, eles guardaram o sobrenome deles original. Mas nós sabemos que, eles

¹⁷ Pontos de interrogação no manuscrito.

¹⁸ Idem.

¹⁹ O pesquisador Milton Guran anotou ao lado: “Escravo”.

mesmos dizem, mas é proibido na educação que temos, é proibido de tirá-los de nosso ramo familiar. De chamá-los como tal. Nós lhes devemos respeito e tudo o que é preciso. O senhor vê, sabemos que isso, nós mesmos nós herdamos do lado deles porções de terra, nós sabemos, nós lhes devemos respeito e nossa avó, nossa bisavó foi enterrada em seu, do lado de seu mundo, tem um tumulo por aí que alguns ocupam, os quais eles ocupam e dos quais se ocupam. Então, nós lhes devemos respeito. E nós lhe devemos o segredo, é porque o senhor é quem é, o senhor tem que falar disso, que eu vos digo.²⁰

MG - Isso quer dizer que na comunidade afro-brasileira não importa o fato de que se é oriundo de um ancestral que fez o tráfico. Não muda nada se somos oriundos de um ancestral que era escravo que retornou. E não muda nada se somos oriundos de um ancestral servidor, senhor, agora fazem três gerações, [todos] tem a mesma cultura, brincam de *bourian*.

FP - Sim, sim, aí está. É isso.

MG - Sabemos de onde vem todo mundo, mas não falamos.

FP - Não falamos.

MG - Isso é completamente brasileiro. O problema é que, quando isso esquenta mesmo, então, aí, é como uma panela de pressão. Explode.

FP - Eu fui... Ultimamente eu tive um problema de terra, de domínio, em Uidá, e um filho dessas pessoas aí, do qual eu conheço o pai muito bem, vendeu um terreno que tínhamos herdado de nossa avó, ele resolveu vender esse terreno e nós fomos ao tribunal familiar. Então as pessoas, todo mundo não me conhecia muito, no domínio da minha avó. Eles conheceram meu pai, eles o consideraram bastante, têm bastante respeito por ele. E quando eu fui lá, ele vendeu o terreno, ele quis fazer um delegado das redondezas assinar, o delegado disse: “Ah, eu não funciono assim, porque esse terreno é um terreno de uma velha família que o possuí, como você vai querer vender esse domínio? Não é herança do seu pai, eu não posso assinar isso”. É assim que, no final das contas, vieram me procurar. Então, meu irmão caçula e eu partimos para Uidá, e no tribunal me colocaram a questão de saber como eu pude adquirir, de quem eu herdei aquele terreno lá, o senhor vê? São momentos onde devemos falar. Mas falamos com palavras nas entrelinhas. Eu digo: “Esse terreno, o senhor sabe que minha bisavó só teve uma filha e essa bisavó, foi sobre o domínio dela que vocês se instalaram. E minha bisavó vos deu a todos vocês, o quanto vocês são, cujos nomes eu conheço todos. Vocês não me conhecem hoje. E, bem, eu sou a neta de tal pessoa e a filha de tal pessoa”. Então eu disse que minha bisavó queria que seus filhos viessem fazer alguma coisa com eles, sobre o domínio que ela deu a eles.

MG - E agora a senhora quer vender isso?

²⁰ Esse trecho está confuso. O pesquisador Milton Guran anotou ao lado: “Escravo”.

FP - Sim, aí está. Então eles, eu digo: “Mas vocês sabem? Isso que eu vos digo agora, eu recebi durante minha educação, me fizeram oralmente e eu o escrevi também”. Então as pessoas foram obrigadas a reconhecer que eu sou realmente, nós somos os proprietários desse domínio aí.

MG - Isso não é no tribunal da família Medeiros.

FP - Não, não. Da família De Souza, da bisavó que era Madame de Souza, que era a mulher do Chachá. É ela que tinha esse domínio lá, do rei de Abomé, Guêzo, e que ela repartiu entre essas pessoas aí. O senhor vê? Bom, a história aí. É por isso que eu, que me colocaram em Porto Novo, para me educar nessa ideia aí. É por isso que minha tia quis me dar uma educação estrita e familiar, para que eu saiba me defender depois.

MG - Quem é o chefe da família Medeiros agora?

FP - Euh, nós não temos chefe de família, mas nós não temos o hábito de eleger um chefe de família. Mas é o decano da família que se ocupa dos negócios da família. E nós somos, sobramos quatro pessoas, que são os filhos, os netos diretos de Francisco José de Medeiros. Tem dois que são... Duas mulheres que são velhas e a pessoa que a família pega como representante da família, que sou eu. Tem meu irmão caçula, ele é homem, mas os filhos, os bisnetos preferem que eu possa discutir com eles.²¹

MG - Sim, é por isso que eu perguntei para a senhora, porque é muito raro, eu sei que a senhora é a referência para a família De Medeiros. Mas é muito raro que uma mulher ocupe essa posição de referência. Normalmente, mesmo se a mulher é mais velha, mais sábia, é um homem que representa a família.

FP - Mas as sobrinhas, os sobrinhos, os netos...

MG - Preferem a Madame Patterson, eles fazem bem. ???²² A senhora conhece, claro, o senhor Robert Dossou, ele era ministro dos negócios estrangeiros antes das eleições. Quando ele soube que eu fazia essa pesquisa aqui, por amigos, ele me convidou para uma entrevista, então ele me contou que é casado com uma Medeiros. Mas eu não sabia.

FP - É minha sobrinha.

MG - É sobrinha da senhora?

FP - É a filha de meu primo. O padrasto do senhor Robert Dossou Randolph, nós somos filhos de dois irmãos.

MG - Vocês são filhos de dois irmãos.

FP - O pai de sua mulher é meu primo. Quer dizer, nós somos filhos de dois irmãos.

MG - A senhora e o pai da mulher dele.

²¹ O pesquisador Milton Guran anotou ao lado da frase: “Chefe de família”.

²² Pontos de interrogação no manuscrito.

FP - Mas as pessoas, nós os consideramos como nosso irmão, porque ele é o filho único de seu pai. Seu pai morreu muito jovem e ele ficou sozinho, Ele se chamava Justino de Medeiros. E como seus tios o cercaram, especialmente papai, nós o consideramos como nosso irmão.

MG - Então ela é sua sobrinha.

FP - É minha sobrinha.

M - Então o senhor Richard de Medeiros é ele.

FP - É ele, o professor de filosofia.

MG - É vosso sobrinho.

FP - É o irmão de Madame Dossou.

MG - O irmão de Madame Dossou.

FP - Sim.

MG - É o irmão mais velho ou o grande irmão?

FP - O grande irmão. O irmão mais velho estava no Togo, Albert de Medeiros estava aqui, agora ele deve estar na França.

MG - Richard está na França.

FP - Richard está na França.

MG - Eu, eu tirei uma foto em sua bela casa, aqui. Em Aguê, a mais bela casinha que fotografei é uma casa Medeiros. É realmente bonita.

FP - Adolphe de Medeiros.

MG - É pena, ela se deteriora bastante.

FP - Ela se deteriora. Seu filho, neto, que tinha seu nome, ele morreu. Senão ele a teria restaurado.

MG - ???²³ Mas é pena, são prédios magníficos, mas eu gostaria de ter relações mais estreitas entre o Brasil, o Benim, poderíamos fazer turismo, eu estou certo que...

FP - ???²⁴ Colônia de férias.

MG - Sim, é isso.

FP - Sim, mas, quer dizer que, nós temos deveres, e durante certo tempo, nós fomos sequestrados.

²³ Idem.

²⁴ Idem.

MG - Sim, é verdade.

FP - Durante quase dezessete anos o antigo regime que passou, o regime marxista leninista que ficou aqui, impediu a evolução de muitas famílias de certos sobrenomes. Sobretudo nós que temos nomes afro-brasileiros, éramos mais ou menos considerados como as elites, tudo isso aí. Fizeram tudo para nós prejudicar, para nos calar. ???²⁵ Isso nos marcou muito. ???²⁶ O senhor viu? Quiseram nos eliminar, felizmente que teve o bom Deus.

MG - Isso é uma parte da história do Benim, é muito difícil de captar porque não tem nada escrito. ???²⁷ Os escritores, os artistas, nada. É por isso que eu fui ver o senhor Poisson e eu coloquei a pergunta diretamente. É realmente um peixe²⁸ na água. É um político muito hábil, é muito charmoso, com uma cultura geral, etc. , e bem, ele tem o defeito de suas qualidades. Ele é um diplomata com tanto sucesso que ele não consegue dizer nada sobre nada. E eu perguntava: “Mas senhor Poisson, o senhor mesmo, o senhor tentou, por várias vezes, o regime de Kérékon retirou o telefone do senhor!”. Mas ele não deixou nada escapar.

FP - O senhor sabe, ele, ele não disse ao senhor que o ancestral dele era o intérprete de Chachá?

MG - Ah, o ancestral dele era o intérprete de Chachá!

FP - Sim, Dossou Yovo.

MG - Ah, Dossou Yovo era ancestral dele!

FP - Sua mãe era Dossou Yovo, seu ancestral, o pai da avó de sua mamãe.

MG - O avô de sua mamãe era Dossou Yovo.

FP - Ele faz parte da família de Hodonou. Sua mamãe tem o pai Hodonou, e a avó Dossou Yovo.

MG - Ah, ele me contou do lado francês. Mas, eu, eu quero muito retomar toda essa história, aí incluído os anos Kérékou, hein! Porque é como a senhora fala, não se deve esconder, porque se [não] vemos a história, somos condenados a fazer os mesmos erros, a cair nos mesmos enganos. É preciso entender bem tudo isso. E tem uma coisa que me marcou muito, talvez para a senhora isso não quer dizer muita coisa, mas eu discuti com pessoas jovens, jovens Paraíso, jovens De Souza, e Monteiro também, bom, nós discutíamos ???²⁹ dos escravos. Ah, as crianças brasileiras que me disseram: “Eu, eu tenho muito orgulho, porque nós fizemos tudo nesse país. Nós éramos mestres de obra, comerciantes, carpinteiros, alfaiates, letrados, contábeis.

²⁵ Idem.

²⁶ Idem.

²⁷ Idem.

²⁸ O pesquisador faz um jogo de palavra com o nome do senhor citado, Poisson - peixe.

²⁹ Pontos de interrogação do manuscrito.

FP - Nós trouxemos a civilização. Eles têm... Se dissemos que os portugueses trouxeram a civilização, mas essa civilização fez uma mancha de óleo, graças ao esforço de todo mundo aqui que fizeram tudo depois da abolição da escravidão, eles vieram nesse país e que eles trouxeram o que eles tiveram como instrução no Brasil, e a formação técnica que eles tiveram no Brasil, e aplicaram aqui. Em matéria de arquitetura. Eu posso dizer que foi meu ancestral, Francisco Félix de Souza que trouxe a palmeira de óleo aqui, que trouxe a mandioca, o senhor não soube disso?

MG - A mandioca sim, mas a palmeira de óleo... Eu creio que sim, escreveram isso, mas Madame Simone de Souza disse que não. Não sabemos se a palmeira de óleo existia aqui. Eu acho que não, a palmeira de óleo vinha da Bahia, nós chamamos de ???³⁰.

FP - Ela veio da Bahia, porque ele [Chachá] fez a cultura, ele deu ao rei Guêzo, que a vulgarizou em toda parte.

MG - Essa é a história.

FP - E nós temos propriedades em Uidá onde formamos cooperativas, tem vilarejos que chamamos Yovo Codji, em Uidá, tem Yovo Codji em Uidá onde tem palmeiras de óleo. E era uma cooperativa onde levamos famílias de Uidá que se instalaram nesses domínios. Eles se instalaram e fizemos plantações, imensas plantações que desapareceram, porque fizeram Sodabi, o álcool, o senhor conhece?

MG - Ah, sim! Eu até experimentei. O Sodabi, o Kangni Rangni, toda essa variação. Tem alguns que são [?]³¹.

FP - E muitas famílias viveram dessas plantações aí. Era uma cooperativa, nós nos arranjamos, tínhamos óleo de palma e aqueles que trabalhavam a terra tinham castanha de palma, mais as plantações de milho.

MG - E Chachá trouxe a palmeira de óleo aqui para encontrar uma alternativa ao tráfico negreiro. Isso fez a riqueza do Daomé. ???³². Eu não quero pintar o diabo mais vermelho do que ele é. Mas é verdade, Chachá era agricultor, sabemos bem disso.

FP - E a mandioca também. Eu posso dizer ao senhor que meu ancestral José Francisco de Medeiros tem um vilarejo no Togo que chamaram Medeiro Codji, porque na abolição da escravidão, tinha muita gente sobre a praia de Uidá, depois, ele fez o transporte. Na abolição da escravidão uma dessas embarcações foi..

FIM DA GRAVAÇÃO

³⁰ Idem.

³¹ Falta uma ou mais palavras aqui.

³² Pontos de interrogação do manuscrito.